



DEFESA DE Espinho

DIRECTOR (INTERINO): ANTÓNIO F. GAIO SUBDIRECTOR (INTERINO): ANTÓNIO A. SANTOS ANO 44 / N.º 2242 / 22 DE MARÇO DE 1975 PREÇO 2\$50



MUNICÍPIO DE
BIBLIOTECA M

CONFIANÇA

Pela primeira vez em muitos anos, a esmagadora maioria do Povo Português pode encarar o futuro da sua Pátria com um rosto aberto ao amanhã. Se é certo que esse amanhã está ainda a clarear, é igualmente verdade que nada nem ninguém parece poder impedi-lo de inundar com a luz vibrante de um futuro radioso a vida de todos aqueles que tantos anos ansiaram por coisas que são naturais no Homem, mas de que nos queriam privar por todos os meios: Paz, Amor, Liberdade, Felicidade...

Desde 25 de Abril têm-se repetido as provas de que este é o caminho certo para construir o futuro. Todas as dúvidas que durante algum tempo no espírito dos mais cépticos ou mais críticos têm sido lenta mas seguramente arredados por uma evolução firme em direcção aos desejos mais profundos de todos nós. Verificámos isso em 28 de Setembro, essa grandiosa jornada de empenhamento colectivo numa obra que é de todos. Temos verificado a realidade de tal evolução nas posições tomadas pelos Sindicatos, Partidos progressistas, Governo Provisório e M.F.A. e, ultimamente, pelo Conselho Superior da Revolução.

Em 11 de Março a nossa confiança cresceu e com ela a nossa vontade de não permitir que nos roubem o que já é nosso ou nos impeçam de alcançar mais e mais vitórias. O dia 12 de Março amanheceu mais claro, mais vibrante, na certeza de que já estamos todos demasiado contagiados por aquilo que, em muitos casos, timidamente iniciamos, para voltarmos atrás. Para destruir tudo o que já existe seria necessário destruir primeiro um Povo, todo ele virado para a construção de um País novo, criado à sua (agora) verdadeira imagem.

O tempo da «apagada e vil tristeza» passou. Esperam-nos tempos de grandes alegrias, ainda que regadas com as dores do grande esforço que teremos de desenvolver. Porém, quem não está confiante em si e nos seus irmãos, neste Povo que se descobre orgulhosamente em cada dia?

A. S.

NACIONALIZAÇÕES

Com a nacionalização da banca privada e das companhias de seguros, decretada pelo Conselho Superior da Revolução após mais uma derrota das forças reaccionárias em 11 de Março, deu-se um grande passo na luta antimonopolista.

O golpe militar de 28 de Maio de 1926, que levou à implantação da ditadura fascista, foi preparado pelos grandes capitalistas e grandes agrários, interessados em pôr o Estado ao seu serviço, arredando do poder os médios e pequenos comerciantes, industriais e agricultores e entravar o desenvolvimento do movimento operário. O capital industrial e o capital bancário fundiram-se, dominando quase toda a economia nacional, apoiando-se para isso no aparelho repressivo do Estado e na organização corporativa (aparelho de domínio económico). A ditadura fascista é a ditadura dos monopólios, senhores incontestados do País.

Com o 25 de Abril, os monopólios sofreram um rude golpe mas, apesar de afastados do aparelho de Estado, continuam a dominar a economia, tentando a todo o custo retomar o poder político, já que a política do Movimento das Forças Armadas, em estreita união com as forças populares, começa a restringir o seu domínio e os interesses que dele provêm. O próprio Programa do M.F.A. prevê uma luta antimonopolista.

Tendo na sua mão a economia nacional, a reacção capitalista usa como arma contra-revolucionária a sabotagem económica, preparando terreno para as intencões de 28 de Setembro e de 11 de Março. Os bancos tinham, até esta altura, uma grande

participação em diversos ramos da indústria nacional, controlando os empreendimentos a realizar, desperdiçando recursos nacionais em realizações contrárias aos interesses gerais da colectividade, canalizando fundos em campanhas antidemocráticas, pretendendo impedir o processo democrático em curso, etc. As participações financeiras que a banca comercial possui atingem cerca de vinte milhões de contos, encontrando-se em todas as grandes empresas.

Exemplos:

A — BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

Cimentos Tejo
Cimentos Leiria
Seguros Mundial
Siderurgia Nacional
Seguros Confiança
Siderurgia Confiança, etc.

B — BANCO ESPIRITO SANTO

Seguros Tranquilidade
Central Cervejas, etc.

C — BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

Seguros Ourique
Sacor
Chenop, etc.

D — BANCO BORGES & IRMÃO

Seguros Atlas

(Continua na pág. 2)

Espinho está vigilante!

A tentativa desesperada de uma minoria reaccionária no passado dia 11 está ainda bem fresca na nossa memória. O criminoso acto envolveu a perda de uma vida e alguns feridos, que não poderão deixar de marcar a sangue essa data.

Porém, o 11 de Março teve muito de positivo. Tal como no 25 de Abril e no 28 de Setembro, ficou plenamente demonstrada a realidade da aliança POVO-M.F.A. O Povo Português saiu para a rua, primeiro para defender o seu País, depois para festejar a vitória alcançada.

No caso concreto de Espinho, no próprio dia 11, e após confirmado o rotundo falhanço da intentona, as forças democráticas da cidade promoveram uma manifestação de apoio ao M.F.A. frente à Câmara Municipal. Manifestação entusiástica, que embora convocada apenas com uma hora de antecedência, levou até ao local centenas de pessoas, que seguidamente, em vibrante cortejo se dirigiram

ao Quartel do G.A.C.A., 3 onde, de viva voz, manifestaram o seu efectivo apoio às Forças Armadas. No dia seguinte, nova manifestação se realizou, tendo também comparecido elevado número de pessoas.

No entanto, estes são, somente, os aspectos de que a maioria da população de Espinho se terá apercebido. Efectivamente, houve algo mais e mais importante: a noite de 11 para 12 foi de vigilância. Em aliança com os militares do G.A.C.A., 3, os Partidos verdadeiramente democráticos de Espinho, aqueles que estão realmente interessados no avanço do processo revolucionário no nosso País, mantiveram nas ruas de Espinho dezenas de pessoas durante toda a noite, numa constante acção de vigilância, destinada a detectar movimentos que se pudessem tornar suspeitos, e a vigiar as entradas de Espinho, tentando interceptar as via-



ESPINHO ESTA COM O M.F.A!.
aspecto da manifestação do dia 11 de Março

turas perigosas, cujas matrículas haviam sido divulgadas pela rádio. Mais uma vez, tal como na noite de 27 para 28 de Setembro, «vigilância» não foi palavra vã! Mas ela não afrouxou nas noites seguintes, sobretudo de 13 para 14. Como os leitores estarão por certo recordados, ao fim da tarde de 13, uma onda de boatos alastrou pelo País; boatos desencontrados, tendentes a semear a confusão e o pânico entre as populações; era, em suma, outra tática reaccionária — o boato. Arma perigosa, sem dúvida, a que todos nos deveremos opôr com todas as forças, esclarecendo lucidamente, desfazendo dúvidas, procurando informar objectivamente. Pois nessa noite, mais uma vez, a vigilância activa foi palavra de ordem. Se os «Homens sem sono» do 25 de Abril não dormiam, o povo, nessa noite e sempre que seja preciso, foi, é, e será «Povo sem sono».

Como recentemente afirmou o Briga-

deiro Vasco Gonçalves, é árduo o caminho a trilhar pelo Povo Português. É, com efeito, árduo, mas trilhá-lo-emos até ao fim! Não será com tibiezas e alheamentos, com comodismos fáceis e inércias prejudiciais, que construiremos um País novo, livre e próspero!

A hora é de acção e de vigilância. Muito se engana quem pensar que as forças reaccionárias estão irremediavelmente derrotadas. O golpe que lhes foi vibrado foi indiscutivelmente fundo. Porém, será demasiado ingénuo pensar que foi fatal. Daí a necessidade urgente, absolutamente inadiável de consolidação eficaz da estreita união entre o Povo e as Forças Armadas, garantia suprema da estabilidade e da evolução deste País martirizado que finalmente quer e vai levantar orgulhosamente a cabeça, a trilhar, seguramente, novos caminhos de PAZ e PROGRESSO!

N. B.

LEIA

PÁG. 5

COMISSÕES DE TRABALHADORES ÚLTIMA PÁGINA O SENHOR MORGADO

NACIONALIZAÇÕES

(Continuação da 1.ª pág.)

Mabor
Jornal do Comércio, etc.

E — BANCO PINTO DE MAGALHÃES

Seguros Mutualidade
Invictos Supermercados
Modelo — Supermercados

F — BANCO TOTTA & AÇORES

Diamantes de Angola
C.U.F.
Seguros Império
Tabaqueira, etc.

Estes dados permitem-nos concluir que a banca comercial exercia poderoso domínio sobre a economia nacional, controlando-a e manejando-a conforme os seus interesses.

Os grandes accionistas bancários e os das grandes empresas encontravam-se unidos, com a preocupação de conseguir explorar o mais possível as classes trabalhadoras e os pequenos agricultores, comerciantes e industriais.

Os seus intuitos consistiam, e consistem, na destruição da democracia, implantada com o 25 de Abril, no retorno a uma política de opressão, de exploração. É por isso do máximo interesse a medida tomada, já que o poder monopolista foi diminuído, os recursos em poder do banco serão agora utilizados pelo Estado, um Estado que de-

monstrou estar ao serviço do povo, de acordo com as necessidades do País.

Actividade bancária e actividade seguradora encontravam-se interligadas. Os patrões, os orientadores, eram os mesmos. O Estado, o Conselho Superior da Revolução, nacionalizou-as, pô-las ao serviço do povo. O ESTADO NÃO VAI ROUBAR O DINHEIRO ÀS PESSOAS, NÃO LHES VAI TIRAR AS SUAS ECONOMIAS, E AS SUAS FONTES DE SOBREVIVÊNCIA. O M.F.A., como o demonstrou no 25 de Abril, em 28 de Setembro e em 11 de Março, está ao serviço do povo e não dos grupos capitalistas. O M. F. A. é contra a exploração e a favor da justiça social!

No ponto de vista económico e no correspondente benefício da população a nacionalização da actividade bancária tem várias consequências.

Sendo o Estado o orientador desta actividade, é assegurado o emprego de todos os trabalhadores da banca e os depósitos efectuados têm uma garantia mais forte. Por outro lado o crédito será distribuído às actividades e empresas que mais precisam de auxílio, desde que sejam rentáveis e de interesse para a nação. O Estado controlará um grande número de empresas, até aqui ligadas à banca comercial. Com a paralela nacionalização da actividade seguradora o Estado controlará as principais actividades económicas, sendo dado um grande passo na luta contra os monopólios, na construção de um Portugal livre e democrático.

M. G.

HOSPITAL DE ESPINHO

(Conclusão da página 4)

«Não é lícito pensar, porém, que deste modo e com remendos a nível local ou nacional se possa solucionar a questão da Saúde no nosso país. É urgente um reformular total da organização da Assistência, desde a rede hospitalar, aos asilos, à posição dos profissionais da medicina, etc. Mas também não pensemos que um Plano Nacional de Saúde, por muito bem elaborado que seja, será a varinha mágica que tudo solucionará a curto prazo. Estou convencido que para se atingir a medicina socializada, que realmente esteja ao serviço das classes trabalhadoras, não se podem deixar de passar necessariamente pela reestruturação da nossa sociedade.»

E aqui deu o Doutor Moreira da Costa por concluída a sua valiosa contribuição para a análise neste jornal dos problemas do Hospital de Espinho. Igualmente valiosos foram os contributos doutros trabalhadores do Hospital e da conjugação de todos estes pontos de vista, parece-nos que o assunto terá sido bem dissecado. Se o leitor achar que algo de importante ficou por referir, esperamos que se pronuncie neste jornal que é seu.

7-3-75

F. N. e V. S.

DEFESA DE ESPINHO

SEMANÁRIO

FUNDADOR

BENJAMIM COSTA DIAS

REDACÇÃO

ALEXANDRE FALCAO
FAUSTO NEVES
JOSE JOAO MAIA
JOSE PINTO
MORAIS GAIO
NUNO BARBOSA
VITOR SOUSA

PROPRIEDADE

EMPES — EMPRESA DE PUBLICIDADE DE ESPINHO, LDA.

Redacção e Administração

RUA 19 — N.º 62

TELEFONE, 921525

AVENÇADO

Composição e Impressão

OFICINAS GRÁFICAS DA CASA NUN'ALVARES

Rua de Santa Catarina, 630

PORTO

Tribunal da Comarca de Espinho

ANÚNCIO

2.ª Publicação

Pela Secção de Processos da Secretaria Judicial desta comarca, correm editos de VINTE DIAS, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos autores Carlos Edmond Gomes da Silva, viúvo, residente na Rua 16, n.º 458 e Cândida de Oliveira Reis, solteira, maior, residente na Rua 8 n.º 119, ambos desta cidade de Espinho e dos réus Mery Amélia Edmond Gomes da Silva Reis, solteira, maior, da Rua 16, n.º 458, Maria Teresa Edmond Gomes da Silva Reis, solteira, maior da mesma rua e número, Mery Helena Edmond Gomes da Silva Reis, solteira, maior, da rua 8, n.º 119, Carlos Rui Edmond Reis da Silva, solteiro, maior, da rua 16, n.º 458, Maria Elsa Edmond Reis da Silva Oliveira e marido Cândido Maria de Oliveira da rua 28, n.º 800, Maria José Lopes de Araújo Reis, viúva, da rua 18, n.º 360, Germana de Oliveira Reis, solteira, maior, demente, da rua 8, n.º 119, todos desta cidade de Espinho, Maria Olga Edmond Gomes da Silva Reis, solteira, maior, residente no Largo Pereira dos Santos, n.º 11-1.º, da Figueira da Foz, Dra. Marina Alfredo Edmond Reis da Silva Augusto e marido Dr. Mário dos Santos dos Anjos Augusto, residentes na Rua 1.º de Janeiro, n.º 169-3.º Esquerdo Trazzeiras, da cidade do Porto, e Maria Beatriz de Araújo Reis Dias e marido Joaquim Alves da Silva Dias, residentes no lugar da Cruz, Santa Maria de Lamas, comarca da Feira, para no prazo de DEZ DIAS, posterior àquele dos editos, deduzirem os seus direitos nos autos de acção especial de divisão de coisa comum n.º 99/74, desde que gozem de garantia real sobre os bens a dividir — um estabelecimento comercial de venda de jornais, revistas e tabacos, denominado Quiosque Reis, sito actualmente no ângulo Norte-Poente formado pela Avenida n.º 8 e pela rua 19, desta cidade de Espinho.

Espinho, 24 de Fevereiro de 1975.

O Juiz de Direito,

José da Silva Paixão

O escrivão,

José Pinto de Magalhães Júnior

«Defesa de Espinho», n.º 2242 — 22-3-75

D. E. SAIU À RUA... VIDA REGIONAL

(Conclusão da pág. 5)

ter verificado que mais uma vez muitos terrenos agrícolas estavam cobertos de água, o que seria evitado se o rio estivesse com as NECESSÁRIAS e possíveis condições de escoamento, alertei as Comissões Administrativas da Câmara de Espinho e da Junta de Freguesia de Paramos e mostrei, ao guarda rios da zona e a um representante enviado pelo Comando do GACA 3, a situação que considero deveras lamentável e merecedora de uma actuação rápida e concreta, para que os agricultores possam sentir um mínimo de segurança contra o perigo de inundações, estímulo indispensável para fazerem as sementeiras, que (ao preço que estão) envolvem bastantes dezenas de contos, pois doutro modo, a falta desse contributo só poderá representar um processo sabotador à nossa desprotegida agricultura que menos contribuirá para o melhor êxito da revolução em curso.

Oxalá tenham já sido feitos os saneamentos suficientes para que as pessoas ou entidades responsáveis prestem ao assunto a atenção que merece e achamos lícito exigir.

Domingos Monteiro

ASSEMBLEIA GERAL DO CLUBE

Realizou-se no passado sábado, dia 15, a Assembleia Geral do Clube Recreativo e Cultural de Paramos, que reuniu perto de cem sócios e decorreu com muito interesse e notável correcção.

PESCA EM PARAMOS

No passado dia 14 do corrente, cerca das 18 horas, saiu pela primeira vez na nossa praia a rede da Sociedade de Pesca, de S. João de Paramos, Lda.

Muitas pessoas assistiram ao primeiro lanço e pena foi que não tivesse vindo peixe com abundância, pois a iniciativa é merecedora de boa sorte, já pelo que de benéfico trará para a freguesia como também pelos processos de trabalho, praticamente originais, através de tractores em substituição de bois, o que após ligeiras correcções e adaptações permitirá, com notórias vantagens, ultrapassar processos antiquados.

Domingos Monteiro

Dr. José Manuel Gomes de Almeida

Clínica Médica e Cirúrgica

Rua 19, 364-1.º — ESPINHO

Consultas marcadas pelo tel. 921218

Centro Fotográfico

Alvaro Nunes de Pinho

Tudo para Fotografia e Cinema

RETRATOS
RELOJOARIA

Rua 8 N.º 645

ESPINHO

De guarda-chuvas gotejantes e gravador «camuflado», eis-nos partidos para mais um «dialogozinho» com os nossos concidadãos e até possivelmente, alguns visitantes.

«Zásl Este tem boa cara. Talvez não se importe de apanhar mais uns pingozitos...»

D.E. — O que pensa sobre as nacionalizações? Porquê? E quanto à importância destes últimos acontecimentos na evolução política do país?

ROSALINA FIDALGO, PROFESSORA PRIMÁRIA

— Foi óptimo, de facto. Porque anulou um dos factores que mais contribuía para a desigualdade social e entravava o processo revolucionário que atravessamos.

— O 11 de Março veio antecipar aquilo que já devia ter sido feito há muito tempo, continuo a confiar e a ter grandes esperanças. Caminhamos para um Portugal melhor, um Portugal onde todos possam viver sem necessidade de emigração.

JOSÉ RIBEIRO, BILHETEIRO DE CINEMA

— Não tenho opinião nenhuma de nada, até ver, até ver!

— Creio que sim, creio que é impor-

GRUPO TAUROMÁQUICO DE ESPINHO

Assembleia Geral Ordinária

CONVOCATÓRIA

Usando da faculdade que me concede a alínea a) do art.º 17.º dos Estatutos e para cumprimento do preceituado da alínea b) do art.º 13.º do mesmo diploma, convoco a Assembleia Geral do Grupo Tauromáquico de Espinho, para reunir na sua sede, no dia 28 do corrente mês, pelas 21.30 horas, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

Apreciação, discussão e votação do relatório, balanço e contas de gerência de 1974 e parecer do Conselho Fiscal.

Não havendo à hora acima indicada, o número de sócios determinado no art.º 15.º, a Assembleia Geral funcionará meia hora depois, com qualquer número de sócios presentes, conforme o § 1.º do mesmo artigo.

Espinho, 17 de Março de 1975.

O Presid. da Mesa da Assembleia Geral
Manuel Baião Nunes dos Santos

tante. Mas ainda não vi nada de concreto que realmente me possa fazer ter uma opinião certa. Foi um passo bem dado, estou totalmente de acordo, de resto não tenho uma opinião certa acerca da evolução política do país. Vai-se andando, vai-se vendendo... Ainda está tudo muito aéreo, infelizmente!

EZEQUIEL GOMES, COMERCIANTE

— Acho que sim, está bem. Dá uma maior garantia aos pequenos comerciantes e aos pequenos depositantes.

— Acho que está bem, acho que está bem. Vamos a ver o futuro... É preciso que todos trabalhem, colaborem e auxiliem o M.F.A.

JOSÉ DE MACEDO, FEIRANTE

— Foi uma coisa boa, isto da nacionalização dos bancos. E o dinheiro está mais seguro, eu não tenho lá nenhum, assim é melhor, o Estado está à frente disso tudo. Assim estamos despreocupados, danças aquilo podia falir e lá ia o dinheirinho por água abaixo.

— Olhe não sei. Tenho o rádio estragado e não tenho tempo para ler. Deitar tarde, levantar cedo para chegar a tempo às feiras, sabe como é! Mas acho muito bem, por acaso eu outro dia vi, que revistasse os carros. Podia haver alguma coisa! De quando em quando lá falo com os amigos, mas ando pouco a par...

«O HOMEM DOS COBERTORES», FEIRANTE

— Ó amigo eu não percebo nada disso, compreende, não estou perfeitamente integrado nos problemas políticos. Não ando informado.

— Ah, ah! O 11 de Março não foi brincadeira, como muitos pensaram. E eu que o diga que estava lá em baixo em Lisboa e de repente ouvi aquelas rajadas de tiros, se foi brincadeira!... Pus-me logo a andar!!! Mas sabem, estou desanimado, está a chover e ninguém quer cobertores.

MÁRIO RUI LOUREIRO, ESTUDANTE

— É uma medida que era mesmo urgente e é a única hipótese de tentar aniquilar o boicote económico a nível de banca, sucedendo o mesmo com as companhias de seguros.

Surge, também, como hipótese de começar a financiar a pequena e a média empresa que era boicotada em favor dos monopólios. A banca servia quem lhe interessava, aos grupos que nela estavam metidos. Era mesmo urgente.

— Depois duma tentativa desesperada da reacção, surge agora a possibilidade da união das forças de esquerda e destas ganharem força; até porque houve uma quebra nas forças da direita.

NOTÍCIAS DA CIDADE

Agenda

A Secção Cultural celebra o 28 de Março

A juventude portuguesa habituou-se a atribuir ao dia 28 de Março, e durante o regime fascista, um significado muito especial: uma data em que o sentimento antifascista mais fundo era o penhor de uma unidade feita de fileiras cerradas contra o fascismo, o imperialismo e todas as formas de exploração do homem pelo homem.

Assim, e a exemplo do que se verificara já no ano passado, também este ano a Secção Cultural da AAE. Será, em Espinho, a mobilizadora de algumas iniciativas que mobilizem a juventude local em torno de palavras de ordem que não perderam ainda, e infelizmente, toda a sua importância, apesar das grandes conquistas democráticas já alcançadas pelo Povo Português. Este ano, a situação política facilita inteiramente tais iniciativas e aproveitando tal ensejo, e contando ainda com o apoio activo das organizações juvenis mais representativas, a Secção Cultural propõe à juventude do concelho que assuma activamente a sua responsabilidade neste momento histórico.

Todos os interessados em colaborar na trabalhosa tarefa de organizar aquilo que será uma semana de actividades juvenis dirigir-se à sala da Secção Cultural, na sede da AAE, todos os dias das 18 às 19 horas, ou outras horas que mais lhes convenham. Todos terão uma tarefa importante a cumprir. Fica a malta avisada.

É caso para foguetes!

Esses malditos foguetes que por vezes nos fazem vibrar desgradavelmente os tímpanos destinam-se a assinalar eventos especiais, pois não são privativos das festas mais ou menos folclóricas e tradicionais. Apesar de anti-foguetes, desta vez apetece-nos encomendar alguns, e daqueles de grande estalo porque a coisa é de arromba. Trata-se, nada mais nada menos, de que já foi entregue

a empreitada das obras que a C.P. vai executar e cujo pagamento atingirá dois mil e oitocentos contos. Por isso, muito em breve, (e oxalá não surja nenhuma malapata) o barracão anexo à Estação vai desaparecer, construindo-se novas instalações correspondentes mais a sul, próximo do campo de futebol, e o casebre que fica perto do eixo da rua 9 também levará sumiço.

É ou não caso para foguetes?

SILÊNCIO INTERROMPIDO

Números atrás ironizamos sobre o Infantário de Espinho, que alcunhamos de Infantário do Silêncio. Mas esta insonoridade sofreu interrupção uma vez que a nossa Câmara Municipal recebeu do Instituto das Obras Sociais uma comunicação segundo a qual o Arq.º Moreira da Costa está a finalizar o projecto do Infantário, prevendo-se a sua conclusão e a abertura do concurso da empreitada até ao fim de Março corrente.

Esperemos que esta iniciativa passe do projecto para a realidade, a fim de corresponder às necessidades daqueles a quem a vida profissional e uma situação económica débil obrigam a deixar os filhos fora do lar. Que o Infantário sirva o povo de Espinho, de acordo com a situação de reestruturação que o País atravessa.

AUTOMÓVEL RECUPERADO

Manuel Joaquim Santos Queiroz, que reside em Ilha, Vilar do Paraíso, possui um automóvel que tem a matrícula HL-24-82. Um amante anónimo do automobilismo roubou-lho no Porto mas não foi muito longe, pois veio aportar a Espinho, após um caminho de dezoito quilómetros. A P.S.P. localizou a viatura e, chamando o proprietário, fez-lhe a devida entrega.

VOCAÇÃO PARA ARDINA

Em 13 de Junho passado fez 18 anos o José António Fernandes Vieira, que também é conhecido por o «Valença», e reside na Ponte da Pedra, em Leça do Balio. A sua vocação era ser ardina mas enveredou por mau caminho pois entendeu que para vender jornais e revistas não precisava de os comprar em parte alguma. Para quê se era tão fácil deitar mão das folhas que topava nas estações da C.P., desde Aveiro a S. Bento? Assim tinha um lucro de 100 por cento e sem ter que prestar contas a ninguém, segundo lhe parecia. Mas chegou a altura de elaborar a «contabilidade», o que fará na cadeia de Custodias, onde o mandou recolher o Tribunal de Espinho, onde fora entregue por um agente da P.S.P. de Espinho que o tinha detido no passado dia 7 numa das nossas ruas.

Explicações

LATIM e PORTUGUÊS (todos os graus) por professor diplomado. Em pequenos grupos ou individuais. Rua 18 n.º 113 — Espinho

Distribuição de Gás

Avisam-se os nossos Estimados clientes que na impossibilidade de atendermos prontamente todos os pedidos que nos são feitos, por vezes ao mesmo tempo e nas horas de ponta, que a partir do próximo dia 30, as entregas do gás se processam do seguinte:

- Os pedidos feitos de manhã serão entregues da parte da tarde
- Os pedidos feitos da parte de tarde serão entregues na manhã do dia seguinte.
- Os pedidos feitos ao Sábado serão entregues na manhã de Segunda-Feira.

Espinho, 20 de Março de 1975.

As Agências da B.P. GÁS
BUTAGÁS
ESSO GÁS
GASCIDLA
MOBIL GÁS
SONAPGÁS

JURAMENTO DE BANDEIRA

NO G. A. C. A., 3

Na passada 3.ª-Feira efectuaram-se no Quartel do G.A.C.A. 3, em Paramos, as cerimónias de Juramento de Bandeira dos Soldados Recrutados da 1.ª incorporação de 1975. Após a alvorada festiva e o hastear da Bandeira, procedeu-se, durante a formatura geral, à leitura dos deveres militares, seguindo-se uma alocução alusiva ao acto, feita pelo Comandante da Unidade, sr. Tenente-Coronel Enes Calejo. Depois de aludir ao significado do acto solene de Juramento que os Recrutados iriam fazer, afirmou: «Compromisso incondicional, significa que vos comprometéis a fazer não só as coisas fáceis mas também as difíceis, por muito custosas que sejam, desde que o bem comum tal exija. Resumindo, ides pôr acima dos vossos interesses particulares, os do Povo Português, a que pertencemos!» Referindo-se à missão do Soldado Português, acrescentou: «Ides jurar lutar pela independência da nossa Pátria.»

Após ter aludido à significativa presença dos familiares e amigos dos recrutados, afirmou a dada altura o sr. Tenente-Coronel Enes Calejo: «O Povo confia em vós, porque sabe que vós estais ao serviço do Exército, da Pátria, mas exige que estejam aqui, não 750 vontades desencontradas, mas sim uma só vontade firme, decidida, equilibrada, desapaixonada de partidários, vontade essa que, mesmo com os escolhos como o do 11 de Março, tentará a todo o custo levar a cabo as mudanças radicais iniciadas em 25 de Abril no nosso País, à luz do Programa do M.F.A., extremamente dinamizado, nos últimos dias, com a instituição do Conselho Superior da Revolução.»

Antes de citar alguns passos das palavras do Sr. Presidente da República, pronunciadas na véspera, afirmou ainda: «Agora mais do que nunca se torna necessário marcar a nossa posição firme, vigilante e responsável!» Referindo-se ao momento eleitoral, incitou os militares ao voto bem meditado e consciente.

Após esta alocução, procedeu-se à cerimónia do Juramento de Bandeira, pronunciado por 750 vezes firmes e decididas, finda a qual foram entregues medalhas aos soldados que mais se haviam distinguido durante a recruta.

Com o desfile da Unidade terminou esta cerimónia presidida pelo sr. Coronel Rodrigo Antunes da Costa, cerimónia que constituiu evidente demonstração da inabalável vontade que as Forças Armadas têm em conduzir o País para uma nova via firme e livre.

Como afirmou o sr. Tenente-Coronel Calejo: «apesar dos escolhos como o 11 de Março»...

NOTÍCIAS DA ACADEMIA

Realiza-se no próximo dia 4 de Abril na Sala Auditório da Academia de Música um recital de Piano pelo concertista Armando Mota. A organização pertence à Academia de Música, cabendo o patrocínio à Fundação Calouste Gulbenkian da qual o pianista é bolseiro.

Esperemos que o público compareça em bom número.

★

Desloca-se à cidade da Covilhã no dia 23 o jovem espinhense Fausto Manuel Neves, a fim de participar no «Concurso de Piano Cidade da Covilhã» a realizar nos próximos dias 24, 25, 26 e 27.

MAIS UM ASSALTO

Na noite de 17 para 18 houve mais um assalto em Espinho. Em pleno Centro da Cidade, pois o objectivo dos ratoneiros foi o CENTRO FOTOGÁFICO, na rua 8, n.º 641. Arrombada uma das janelas das trazeiras, os lafraus introduziram-se no estabelecimento, onde «encheram o saco» a seu belo prazer. Relógios, rádios, gravadores e dinheiro foram as vítimas da cobiça. Segundo o proprietário do estabelecimento, Álvaro Almeida Nunes de Pinho, os artigos roubados valem aproximadamente noventa e dois contos.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

4.º TURNO

Hoje, sábado — GRANDE FARMÁCIA, rua 62, n.º 457 — Telef. 920092.
Amanhã, domingo — FARMÁCIA TEIXEIRA, rua 19, n.º 46 — Telef. 920352.
Segunda-feira — FARMÁCIA SANTOS, rua 19, n.º 263 — Telef. 920331.
Terça-feira — FARMÁCIA PAIVA, rua 19, n.º 319 — Telef. 920250.
Quarta-feira — FARMÁCIA HIGIENE, rua 19, n.º 393 — Telef. 920320.
Quinta-feira — GRANDE FARMÁCIA, rua 62, n.º 457 — Telef. 920092.
Sexta-feira — FARMÁCIA TEIXEIRA, rua 19, n.º 46 — Telef. 920352.

CINEMAS

S. PEDRO:

Hoje, sábado, 22 — 3 GRINGOS, com Vittorio Rielmy e Rosalba Nery — 18 anos.

Amanhã, domingo, 23 — A VIDA ALEGRE DE COLINOT, com Nathalie Delon e Brigitte Bardot — 18 anos.

Terça-feira, 25 — O CANALHA, com Marthe Keller e Claude Brasseur — 14 anos.

Quinta-feira, 27 — O BECO, com Lionel Stauder e Françoise Dorleac — 17 anos.

Sexta-feira, 28 — A MINHA MULHER É UM VIOLONSEXO, com Lando Buzzanca e Laura Antonelli — 18 anos.

CASINO:

Hoje, sábado, 22, e amanhã, domingo, 23 — ESTADO DE SÍTIO, com Yves Montand e Evangeline Peterson — 13 anos.

Segunda-feira, 24 — UMA BELA RAPARIGA, com Bernadette Lafont e Charles Denea — 18 anos.

Quarta-feira, 26 — A 300 A HORA, com Roberto Carlos e Libânia Almeida — 10 anos.

Sexta-feira, 28 — EXCELSIOR A FÚRIA DO KARATE, com Lei Cheng Kun e Ten Mei Fang — 14 anos.

NASCIMENTOS

EM ESPINHO

Joana Rita, filha de Carlos Luís Pereira Pinto e de Felicidade de Jesus Gouveia Pessoa Pereira Pinto;

Sónia Maria e Carla Maria, filhas de Manuel Pereira de Oliveira e de Maria Isabel Reimão de Resende de Oliveira.

FALECIMENTOS

EM ESPINHO:

António de Pinho Branco Miguel, de 61 anos, casado com Helena de Oliveira Gomes.

D. INÊS SAMPAIO MAIA

No passado dia 12 faleceu no Porto D. Inês Sampaio Maia, filha dos Condes de S. João de Ver, figuras muito ligadas ao desenvolvimento de Espinho. O funeral realizou-se no dia seguinte para o cemitério de S. Paio de Oleiros.

«D.E.» expressa à família enlutada as suas condolências.

Explicações

Matemática, Física e Química e Desenho do Curso Geral e Complementar dos Liceus e Escolas Técnicas. Tratar na Rua 62 n.º 99-2.º Dto. — Telefone n.º 922435 em Espinho

A "Defesa" precisa de mais assinantes

FIM DE
SEMANA

. 95

1.º (5/3/75)

Outro problema a exigir intervenção estatal é o da ocupação de casas para habitação.

Todos sabemos a revolta dos que não têm alojamento condigno e a incapacidade da resposta imediata do Estado a tal situação.

Porque não se consente aos Municípios um direito (talvez original) de expropriação dos prédios desabitados para alojamento de quem esteja necessitado, arrendando-os por conta dos proprietários? Isto é — fixando o Município a renda, com obras ou sem elas, conforme os casos, fazendo a atribuição das moradias, mas revertendo as rendas para os proprietários?

Será assim tão difícil?

Pode discutir-se a validade da solução sob diversos aspectos; mas pelo menos criava-se uma situação de legalidade, impedindo que se caísse na anarquia em que se vive da apropriação de bens alheios.

Meias tintas é que não podem tolerar-se: ou uma opção política e económica ou outra.

O necessário é segurança e saber-se por onde e para onde se caminha.

2.º (5/3/75)

Tudo isto dá lugar às mais graves especulações da imprensa estrangeira como a que agora se tornou pública sobre um golpe preparado pela C.I.A. com a conivência de um país Europeu e de um partido político português, e até de responsáveis da Administração.

Mas, se tivermos em vista que responsáveis de partidos políticos andaram a dar entrevistas alarmistas a jornais e televisões estrangeiros, falando em possibilidades de guerras civis, etc., se a tanto juntarmos o que anteriormente se focou, temos de compreender que tanto contra nós se especule por nossa única culpa.

Mas, no entanto, ainda ocorre perguntar: especulação espontânea ou haverá quem a promova? E quem? E para quê?

3. (13/3/75)

As considerações produzidas na nossa crónica da última semana eram parte uma série vasta de factos perturbadores da ordem política, social e económica, que intentávamos prosseguir neste último «Fim de Samana».

Até aconteceu que, estando já aquela crónica demasiado extensa, suprimimos-lhe os dois últimos apontamentos que iniciariam a desta semana — e que conservamos com os n.ºs 1 e 2. A estes se acrescentariam outros factos a apreciar, sobre os quais já não nos debruçaremos.

A tónica presente em todos, como pode ver-se, era e seria — quem provocaria tais anomalias e para quê.

Propunhamo-nos no final a sugerir uma resposta que então considerávamos usada.

Mas que o não era.

Essa resposta deu-a o 11 de Março e deu-a, principalmente, a comunicação do Presidente da República desse dia e, no mesmo sentido, a conferência de imprensa do brigadeiro Saraiva de Carvalho e do Ministro da Comunicação Social.

Que sirva a lição.

4. (13/3/75)

Em parte parece que trouxe a lição já efeitos úteis: o pessoal da T.A.P. ter desistido da greve, que traria ao país um prejuízo incalculável; os trabalhadores da Renascença retomaram o trabalho, pondo termo ao melindroso confronto Estado-Igreja; terem sido levantados outros movimentos de greves; parecer que os partidos políticos se convencerão a deixar de andar aos pontapés uns aos outros (será par avaler? — se não é, mal de nós), etc.

Mas também trouxe efeitos negativos: as destruições e delapidações, por vezes sem a possibilidade de tentativa de justificação possível, como, no Porto, a destruição de um café nas Antas pelo facto de ser frequentado por filiados de certos partidos (quando sabemos por experiência própria que o era também por adeptos de partidos de ideologia totalmente oposta), ou a tentativa (felizmente só tentativa) de invasão e saque da

HOSPITAL DE ESPINHO

Concluimos hoje a série de entrevistas com trabalhadores e responsáveis pelo Hospital de Espinho, que mais de perto vivem os problemas da mais importante unidade de assistência do nosso concelho. Cabe hoje a vez ao dr. Moreira da Costa cirurgião no nosso Hospital, que interpelado acerca da falta de cobertura médica, denunciada em entrevistas anteriores, nos declarou:

«Dizer que a assistência no Hospital de Espinho não está coberta por médicos, 24 horas por dia, parece-me tratar-se de uma óptica um pouco distorcida de encarar o problema. Ter-se-á de atender à necessidade que há ou não em ter uma cobertura médica permanente em todas as especialidades. No que respeita ao Serviço de Urgência, essa necessidade é incontroversa e, na verdade, encontra-se aí assistência médica permanente. A Urgência, deve estar sempre em condições de receber qualquer doente, ministrando os primeiros socorros no que se refere ao seu estado geral, intervindo com reanimação respiratória ou cardíaca se tal for preciso. E o mesmo se dirá em relação a uma hemorragia grave em que se tenha de intervir rapidamente. Só então o doente, se assim o entender o médico de serviço, deverá ser canalizado para uma certa especialidade, onde lhe será dado o tratamento mais adequado ao seu caso.»

«A urgência prioritária, que faz uma espécie de triagem, sucederá uma urgência não tão prioritária, para onde será chamado o médico especialista em causa: cirurgião, ortopedista, cardiologista, etc., conforme os casos. É evidente que se não pode exigir que um hospital de nível concelho, como o de Espinho, que ainda por cima depende de uma entidade privada (a Misericórdia), tenha um corpo de médicos especialistas permanentemente ao seu serviço, sem definição oficial das suas obrigações. Parece-me, no entanto, e comparando com outros hospitais, incluindo os centrais, que a Urgência do Hospital de Espinho funciona de modo aceitável.»

Interrompemos, pondo a questão de ser ou não suficiente um único médico nessa primeira urgência, pois este assunto já tinha sido abordado dum modo um tanto diverso nas entrevistas anteriores. O dr. Moreira da Costa declarou-nos que o problema do número de médicos nos serviços de urgência se põe mais em termos de capacidade, acrescentando:

«Num Hospital Central, mesmo os vários médicos que estão nesse serviço permanentemente não são suficientes, tendo em conta o número de doentes, que têm por vezes de esperar várias horas antes de serem atendidos. Quanto ao nosso Hospital, o problema não se põe de modo tão grave. E para se avaliar como o serviço satisfaz, veja-se a sua procura por muitas pessoas que o preferem a outros hospitais menos distantes. Pode-se dizer que em casos como estes, um médico serve razoavelmente as exigências do serviço de Urgência (prioritária, entenda-se). Não creio no entanto que esta situação de privilégio (em relação à maioria dos outros hospitais) se possa manter. O trabalho exigido é verdadeiramente esgotante e o aumento de procura tem-

casa onde habita um devotado militante do Partido Socialista, com o argumento lançado à multidão de «que socialista era aquele que vivia num palacete?», esquecendo que é solteiro e mora com os pais, porquanto ele, de seu, nem automóvel tem e profissionalmente ganha bem para o comprar se quisesse; e mais grave que as destruições tenham sido por vezes acompanhadas de saques e apropriação pelos populares de bens móveis para seu uso, etc.

Firmou-se a unidade das forças populares, mas não foi total o civismo. E a unidade impõe civismo, sob pena de se se negar e destruir a si mesma.

5. (14/3/75)

Outras consequências positivas: a institucionalização do M.F.A., a criação do Conselho Superior de Revolução e a nacionalização da Banca (não se esquecendo que o facto importa a tomada pelo Estado das posições da banca em empresas dominantes da economia nacional — designadamente a quase totalidade das Companhias de Seguros).

É certo que escrevemos estas linhas sem conhecer ainda o texto da lei; mas, à primeira vista, assim deverá ser.

Vasco Luís

-se vindo a fazer notar, devido em grande parte ao afluxo de pessoas estranhas ao concelho. Houve até a necessidade de substituir um único médico que trabalhava 24 horas a fio por uma equipa de dois médicos, com turnos de 12 horas. Está-se, mesmo assim, muito distante do que deve ser um Serviço de Urgência modelo e só uma pronta intervenção, quer no número de pessoal, quer na capacidade das instalações, pode melhorar a situação.»

Conforme se lembram as pessoas que leram as entrevistas aqui publicadas sobre este mesmo assunto, foi abordado o papel que o Centro de Saúde tem ou poderia ter como unidade de assistência que pudesse desviar do Serviço de Urgência do Hospital um grande número de casos menos graves e sobretudo as consultas. Foi sobre este assunto que pedimos a opinião do nosso interlocutor:

O HOSPITAL E O CENTRO DE SAÚDE

«Para além do que genericamente se pode chamar de desastres ou doença súbita, aparecem muitos casos de outra natureza nos Serviços de Urgência do Hospital, que na verdade não são efectivamente de extrema urgência hospitalar, noutros, os doentes são enviados quer pelos Serviços Médico-Sociais, quer pelo Centro de Saúde. Fazem-se ali diagnósticos sumários e diz-se às pessoas para se dirigirem ao Hospital. Acontece também frequentemente que os doentes acorrem ao Serviço de Urgência para não estarem numa lista de espera dos Serviços Médico-Sociais ou porque sabem que serão fatalmente enviados para o Hospital, depois de muita confusão. Talvez a culpa não seja das pessoas que lá trabalham, mas a verdade é que algo funciona mal, mesmo muito mal.»

«No que diz respeito mais directamente ao Centro de Saúde não me parece que esteja a fazer a Medicina Preventiva que deveria fazer. Normalmente, quando o doente lá vai é porque não se sente bem e o que se lhe faz é Medicina Curativa, que, como já se viu, fica a maioria das vezes a cargo do Hospital. Se se pretende fazer Medicina Curativa, não basta vacinar. É preciso sair do Centro e ir junto das pessoas ensinar-lhes as regras essenciais de profilaxia da doença. Não sei se isto vai colidir com a opinião de alguns colegas, mas, tanto quanto eu sei, os Centros de Saúde, e não só o de Espinho, funcionam como meros apêndices de uma medicina degradada, que nos foi deixada por fascismo. Não basta dar a ideia de que o doente foi visto, pois sucede por vezes que mesmo o paciente que «a priori» apresentaria uma patologia banal e de fácil diagnóstico, necessita de longa observação. O combate à doença não se faz só curando; é também muito importante evitá-la.»

«O HOSPITAL NÃO PODE RESOLVER TUDO»

Perguntámos em seguida se essas campanhas de esclarecimento junto das populações não exigiriam uma grande mobilização de profissionais da medicina e se haveria possibilidades de o fazer a curto prazo.

«Não sei ainda em que bases irá funcionar o Serviço Nacional de Saúde, mas julgo que os médicos terão de optar em primeiro lugar entre dois sectores: a medicina essencialmente preventiva e a medicina apenas curativa a nível dos hospitais. Teremos de abandonar definitivamente a ideia de que é o hospital que vai resolver tudo. Inclusivamente servir de asilo para deficientes locomotores que não podem ser assistidos por familiares e para os quais não há instituições oficiais indicadas para o efeito. Há apenas as instituições caritativas onde a par de bons serviços e boas intenções se passam coisas lamentáveis, mais parecendo próprias de regimes prisionais. Essas pessoas na sua grande maioria não recuperáveis ocupam uma boa parte das disponibilidades em leitos de hospital a par de muito tempo activo do pessoal médico e paramédico.»

«Se este problema fosse resolvido, a par dessas campanhas a desenvolver, estou convencido que mais de 50 por cento dos doentes que acorrem aos hospitais não teriam necessidade de o fazer.»

OS MÉDICOS E A MEDICINA

Fizemos nesta altura lembrar que nas recentes eleições para a direcção da Ordem dos Médicos, a classe não pareceu

suficientemente disposta a enveredar por esse tipo de militância. A «medicina livre» foi francamente apoiada, numa clara demonstração de que se pretendem conservar um certo número de privilégios que o carácter liberal da profissão concede. Sobre este assunto disse-nos o dr. Moreira da Costa:

«O problema que me põem é-me extraordinariamente sensível, na justa medida em que eu integrava a lista vencida, em que pugnávamos por uma medicina do Povo e para o Povo, o que implicaria a renúncia a determinados privilégios. Foi essa lista pintada de diversas cores, nas quais sobressaía evidentemente o vermelho. Talvez as pessoas não tenham ainda pensado bem na sua situação. A par desses privilégios, a organização da assistência em Portugal traz graves inconvenientes para o exercício da medicina aos próprios profissionais. Vemos que muitos médicos não se importam de trabalharem duramente durante parte da sua vida arriscando-se a contrair doenças que lhes merecem tantos cuidados, quando delas falam com os seus doentes. Eu próprio sinto que tenho sido vítima do sistema. Estou apenas à espera de poder optar entre o Hospital de Santo António onde afixo um ordenado regular e o Hospital de Espinho onde trabalho «à peça» sem quaisquer garantias quanto à altura de pagamento dos meus serviços. Não consigo porém abandonar o nosso hospital, onde tenho de continuar o trabalho desse insigne cirurgião e homem da ciência que foi o dr. Manuel Gomes de Almeida, de quem me considero legítimo discípulo. Se essa oportunidade de opção vier não hesitarei em escolher como local de trabalho o Hospital da minha terra.»

«Para além da necessidade que muitas vezes os médicos têm de acumular uma série de serviços, com seu prejuízo e dos próprios doentes, temos de lhes reconhecer o direito ao descanso, sem a iminência duma chamada repetida que lhes coarctar esse direito. Há necessidade de serem superiormente estabelecidas directrizes no sentido de se dar aos médicos um horário regimental, com todas as vantagens para eles e para os próprios doentes.»

«A RESOLUÇÃO DO PROBLEMA DA ASSISTÊNCIA TERÁ DE PASSAR PELA REESTRUTURAÇÃO DA SOCIEDADE»

Embora esta questão nos merecesse todo o interesse, pedimos ao nosso entrevistado para referir mais alguns problemas a este respeito.

«Posso-lhes falar da secção onde trabalho e que é a que conheço melhor. No Hospital de Espinho fazem-se já intervenções altamente especializadas, inclusive cirurgia vascular, para a qual tem o equipamento necessário. Posso afirmar que intervenções destas são extremamente raras em hospitais do mesmo nível. No entanto, e no que se refere à cirurgia geral, a capacidade das instalações operacionais é demasiado exigua. O Hospital de Espinho necessita de um bloco operatório mais amplo, sem o qual cedo se atingirá um ponto de rotura. Tem-se tentado, desde há 4 anos, a aprovação de um projecto para a construção deste bloco. Com todas as burocracias inerentes nada se fez e resulta que o que na altura poderia ter custado 1200 contos, não ficará agora, segundo os entendidos, por menos de 4000 contos. Mas não só no campo da cirurgia é preciso alargamento. O mesmo sucede em quase todos os serviços do Hospital e foi com o intuito de o resolvermos que nos dirigimos às instâncias superiores, através de responsáveis mais intimamente ligados ao problema.»

(Continua na pag.º 2)

Centro de Enfermagem de Espinho

Todos os serviços de enfermagem oxigénio, camas articuladas, etc.
Ambulâncias com oxigénio para transporte de doentes
Horário das 9 às 12 e das 14 às 20 h.
Telef. 921587 (das 9 às 20 h.)
Telefone de urgência 922329
Rua 16 n.º 868 — ESPINHO

TRABALHO

COMISSÕES DE TRABALHADORES

I

Como se nos afigura da maior importância a organização e o esclarecimento da classe trabalhadora, iniciamos assim uma série de artigos sobre um importante sector da vida nacional, que é o do trabalho.

O movimento operário português instituiu depois do 25 de Abril como organizações suas, as Comissões de Trabalhadores — Comissões eleitas directamente pelos trabalhadores nas empresas.

O papel desempenhado pelas Comissões de Trabalhadores na defesa dos seus interesses, contra a sabotagem económica, contra os despedimentos, pela defesa do processo democrático, fez delas organizações às quais os trabalhadores estão hoje profundamente arreigados e que entendem ser fundamental manter na actual situação.

Os trabalhadores, através das suas Comissões de Trabalhadores, devem poder condicionar ou suspender qualquer decisão da direcção da empresa e tentar, por acordo, solucionar com esta qualquer conflito no que respeita à admissão de pessoal, permanente ou adventício, sanções, despedimentos, classificações e remunerações, definição de escala hierárquica de todos os postos da empresa e condições de trabalho. Cabe também às Comissões de Trabalhadores, desde que não haja Comissões eleitas para o efeito, velar pela higiene e segurança no local de trabalho, nomeadamente no que respeita à instalação e funcionamento de novos equipamentos, poluição interior e exterior, provenientes do funcionamento das unidades de produção, etc.

Assim, as Comissões de Trabalhadores são, neste momento, a maior garantia da defesa dos trabalhadores no inte-

rior das empresas onde prestam serviço. Para que estas Comissões funcionem convenientemente, devem estar em contacto constante com todos os camaradas de trabalho, informando-os das suas actividades e pedindo-lhes as suas opiniões para que as resoluções sejam democraticamente tomadas.

Como se vê, a necessidade da urgente criação de Comissões de Trabalhadores nas fábricas onde elas não existem em nada invalida, ou prejudica, como em certos sectores se afirma, as também existentes Comissões Sindicais.

Com efeito, embora as duas Comissões devam, em nosso entender, actuar — quando as situações concretas o exigirem — conjuntamente, verifica-se com facilidade que as suas funções principais em nada colidem. Antes, pelo contrário, justifica-se plenamente existirem, e co-existirem, estas duas formas primordiais de organização da classe trabalhadora. Uma, a Comissão de Trabalhadores, actuando e controlando no interior dos locais de trabalho, outra, a Comissão Sindical, actuando especificamente no seio dos Sindicatos, representando a expressão da vontade dos trabalhadores.

Quem pretende eliminar do esquema da livre organização dos trabalhadores as suas Comissões, alegando que bastarão as Comissões Sindicais — esquecendo-se que estas não podem abarcar toda a imensidade de problemas com que a classe operária se debate face à relutância dos capitalistas gananciosos em abdicarem dos seus privilégios — ou tem interesses obscurantistas e lesivos dos reais interesses da única classe verdadeiramente revolucionária — a trabalhadora — ou então nunca se debruçou sobre esta classe e nada entende dos seus problemas.

J. P.

VIDA REGIONAL

Paramos

O RIO DE PARAMOS E A AGRICULTURA

Conforme notícia do jornal D.E. de 6-7-74, foram enormes os prejuízos causados à agricultura dos terrenos marginais ao rio que atravessa Paramos, quando das chuvas de Junho. Então, dado que toda a crítica anteriormente feita nada de concreto e indispensável resultou, escrevi entre outras coisas o seguinte:

— Desde já, dando a minha opinião, pela qual como é lógico me responsabilizo, a maior parte dos prejuízos causados pelas cheias do rio, e dado que a barrinha se encontrava aberta, terão de ser atribuídos à Hidráulica (Hidráulica do Douro ou Direcção Geral dos Serviços Hidráulicos), que por NEGLIGÊNCIA não tem providenciado eficazmente para que o rio que atravessa Paramos mantenha as convenientes condições de escoamento das águas.

Não é a primeira vez que neste jornal me «atrevo» a acusar a Hidráulica, mas nunca o fiz nem o pretendo fazer unicamente para acusar, o que queria era que as acusações originassem que fosse inquirido sobre a razão dessas queixas e que fossem tomadas as providências que são devidas para bem de todos, e com a brevidade que se impõe.

Pensava eu que viriam pedir-me justificações quanto à acusação de negligência, o que poderia motivar alguma acção concreta, mas nada me perguntaram. Logicamente, se há negligência é porque não desconhecem.

Em Agosto de 1974 foi enviado ao Exmo. Senhor Director Chefe da Direcção Hidráulica do Douro — Porto um documento assinado por cerca de duas dezenas de agricultores prejudicados, cujo teor transcrevo:

— Os abaixo assinados, agricultores com terrenos junto ao rio, denominado Ribeira do Rio Maior, que atravessa Paramos, sentindo-se bastante prejudicados pelas recentes enchentes que transbordaram para os seus terrenos, devido a obstáculos existentes no rio, reclamam imediata inspecção. Solicitam não só a aplicação das medidas disciplinares que a Lei impõe àqueles a quem a responsabilidade couber mas também indemnizações pelos prejuízos causados. Exigem ainda a retirada urgente dos obstáculos e a conveniente limpeza para o devido escoamento das águas.

Para além da imposição da obrigação dos proprietários confinantes limparem o rio nos seus entes, mas somente a alguns, designadamente aos prejudicados queixosos, até à presente data não foi dada aos reclamantes qualquer satisfação.

Em 7-9-74 no jornal D.E. dizia o seguinte:

— ESTADO DO RIO — Sabemos, porque também assinamos um documento subscrito por vários agricultores prejudicados, que foi exigido, à entidade julgada competente, que se providencie para a necessária limpeza do rio. Estes chuviscos foram suficientes para vermos obstáculos, facilmente removíveis, que empresavam a água num desnível de mais de dez centímetros, mas isso fomos nós que vimos, pois os responsáveis que ganham para zelar pela coisa certamente não estão para se preocuparem. Será para continuar assim?

No jornal D.E. de 16-11-74, depois de referir a limpeza imposta aos confinantes, quanto ao corte de ramagens e troncos de árvores, podia ler-se:

— Consequentemente o rio encontra-se muito mais desassombrado quanto àquele aspecto de limpeza, porém, em nítido contraste, todos os restantes obstáculos contra os quais os agricultores reclamaram continuam na mesma. Agrava-se assim no nosso Povo o mau conceito que já se vinha fazendo quanto ao interesse que dispensam ou quanto ao respeito que são capazes de impôr as autoridades responsáveis pelo rio de Paramos. Já fizemos sentir a um funcionário da Hidráulica que os problemas do rio de Paramos não podem ficar com meias soluções e pedimos mesmo que fizesse sentir aos superiores respectivos que o Povo de Paramos exige soluções que correspondam na íntegra às actuais necessidades. Agora e desta forma, convictos de que o nosso apelo chegará directamente ao conhecimento de quem pode e deve, pedimos que solucionem devidamente e com a oportunidade necessária este assunto.

Mas, infelizmente, o nosso apelo não chegou a lado nenhum que fizesse surgir, até agora, qualquer solução, desconhecendo mesmo que estejam a ser tomadas medidas concretas nesse sentido.

Hoje mesmo, dia 17-3-75, depois de

(Continua na pág. 2)

ARTE E CAPITALISMO

(CONCLUSÃO)

O naturalismo, mantinha uma atitude muito ambígua. O artista analisava os fenómenos sociais, descrevia-os mas não tomava posição política. Ilustrando melhor esta afirmação, transcrevo duas opiniões de Emílio Zola. Na primeira é a recusa a uma tomada de posição política em relação à análise da miséria social descrevendo apenas essa realidade: «Nada mais fazemos, por enquanto, do que analisar, não podemos ainda sintetizar...»

«Compete ao legislador intervir, reflectir e remediar.»

«A nós isso não nos diz respeito.» Mais tarde revê a sua posição, e afirma: «A burguesia traiu o passado revolucionário ao tentar salvaguardar o seu privilégio capitalista e permanecer como classe dirigente. Depois de conquistar o poder ela não quer passá-lo ao povo. Imobiliza-se. Alia-se à reacção, ao clericalismo, ao militarismo. Devo acentuar a ideia importante, decisiva de que a burguesia acabou o seu papel, que ela passou à reacção para conservar o seu poder e as suas riquezas e que toda a esperança de energias do amanhã reside no povo...»

O artista naturalista era incapaz de ver para além dos aspectos da fragmentação do mundo burguês, a menos que ele optasse pela via socialista. Como isso não sucedeu ao artista naturalista, ele tornou-se vítima do seu próprio desejo de descobrir o mistério, o sentido da vida. Alheando-se da realidade acabou por cair no simbolismo e no misticismo.

Outras correntes com o mesmo espírito das anteriores se seguiram: a alienação (separação do homem da Natureza através do trabalho e da produção), o niilismo que Nietzsche exemplifica «toda a nossa cultura europeia se orienta, desde há muito, com uma tensão angustiada que aumenta de um decénio para o outro, em direcção a uma espécie de catástrofe; incansável, violenta e com precipitação...», a desumanização (o homem é nada. O sucesso é tudo), a mistificação (ocultação premeditada no mistério, muito utilizada pelo mundo burguês)...

Perante tais correntes o artista tinha apenas duas opções: ou a via socialista e revolucionária, ou a acomodação fácil à camada reaccionária. Como os artistas representativos da sociedade capitalista rejeitam a realidade social seguindo processos alienantes, surge um movimento absolutamente contrário a esta forma de «arte»; o realismo.

Não vou definir esta corrente até porque entre os entendidos na matéria reina grande controvérsia. Procurarei sim inscrevê-la num movimento de luta que há longo tempo se vem travando contra as forças opressoras da burguesia capitalista.

Tal como os movimentos anteriores, o realismo e o realismo social em especial, reagem contra as formas de arte alienantes.

A realidade social é por assim dizer como que a soma das relações entre o sujeito e o objecto. Estas relações não di-

zem apenas respeito ao passado mas também ao futuro, não só aos acontecimentos como também às experiências de tipo subjectivo como os sonhos, as fantasias, os pressentimentos, as emoções, etc. Aqui está, porque numa obra de arte se unem a realidade e a imaginação.

Quando o artista se compromete com os propósitos da classe operária, o realismo torna-se em realismo socialista. Não se põe aqui um problema estilístico mas sim uma tomada de atitude. Assim talvez seja mais lógico classificar-se esta arte de socialista para que não haja confusão com um estilo dito realismo social.

Um artista socialista tem de adoptar como condição necessária, o ponto de vista histórico da classe operária e acreditar na vitória do socialismo. É, portanto, a arte socialista aquela que trará consigo o anúncio do futuro, que não poderá satisfazer-se com visões mais ou menos sonhadoras ou confusas. O que acontecer amanhã será a partir de hoje, embora não desprezando o inesperado.

Muitos movimentos se seguem. Seria uma tarefa exaustiva estar aqui a tratá-los e o leitor certamente quer ler o resto da D. E.

Terminaria com uma apreciação do papel que a arte capitalista desempenha.

Será talvez mais correcto chamar à arte capitalista a arte que serve o capitalismo, cujo fim é o embelezamento da vida privada do capitalista.

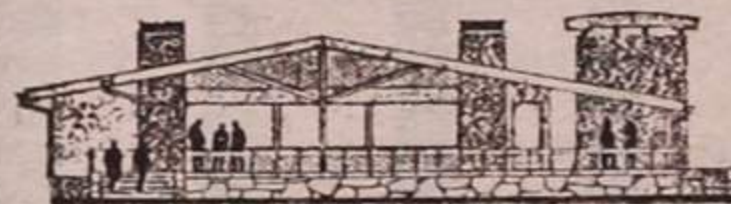
Claro que com esse embelezamento o capitalista ascende a um lugar de destaque na sociedade onde certamente irá adquirir privilégios que procurará manter para sempre. Em face desta necessidade a arte torna-se mercadoria e o artista em produtor ficando a arte sujeita às leis da concorrência. Enquanto que o artesão trabalhava por encomenda para um cliente particular, esta clientela foi substituída por um mercado livre com uma clientela anónima que fez com que o artista se transformasse num artista «livre».

Que liberdade? A de fazer a arte vendável? A de morrer de fome?

A. F.

Comunicado

Alberto Pinho (fotógrafo) participa, para os devidos efeitos, a todos os seus estimados clientes e amigos que deixou definitivamente de fazer parte da firma A. Pinho, Lda., sita na Rua 19 n.º 198-2.º em Espinho, desde o dia 10 de Janeiro de 1975, tendo no entanto autorizado a que o seu apelido PINHO, seja utilizado, durante um ano, pelos actuais sócios daquela firma.



Restaurante
Snack — Discoteca
CABANA

TE
L.

9 9
2 2
1 1
3 9
2 6
2 6

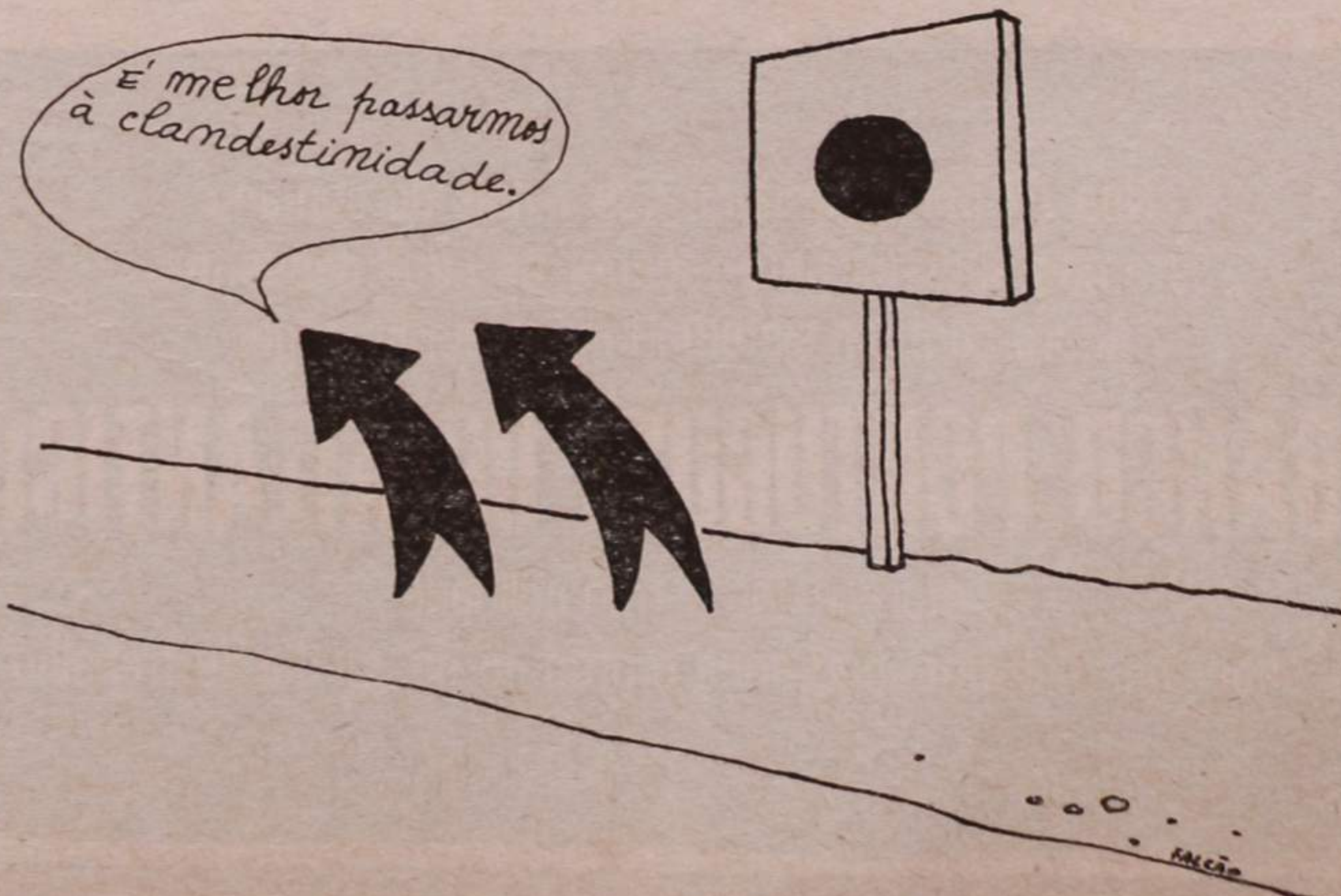
SALÃO DE FESTAS E SERVIÇO especial para Baptizados, Casamentos e Confraternizações.

Na Discoteca

Aos domingos — Matinée

Encerrado à terça-feira para descanso do pessoal

Os Bonecos do Falcão



Segurança para o seu dinheiro,
tranquilidade para si!

**UM
NOVO
SERVIÇO
BPA**

**cofres
nocturnos
e diurnos**

Nas 24 horas do dia e nos 7 dias da semana
estamos abertos para receber os seus depósitos.

Agora com um sistema inédito em Portugal.

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

oferece-lhe a tranquilidade
de saber que fica em segurança o produto de um dia de trabalho.

Vende-se

Casa na Rua 29, perto da Feira
com 3 inquilinos

Tratar Telef. 967859 ou 967109

Vende-se

MOBILIA DE QUARTO completa
boa construção. Estilo Inglês.

A particular — Falar Telef. 921162

CASA

Pretende alugar casal idoso, para
todo o ano com cinco divisões, inde-
pendente e com pequeno quintal,
localizada na Granja, Silvalde ou
Espinho. Telefone n.º 0025 - 23394
Paredes — Douro

Vendem-se

Habitções desde 700 000\$00 no ga-
veto da Avenida 24 e rua 31 em
Espinho. Falar no local da obra
ou telef. 920629

MARMORES E GRANITOS

MÁRMORES PARA TODAS AS APLICAÇÕES

VITORINO LOPES DA CRUZ

TELEF. 920565 — M.te Lúrio — ESPINHO

Novas Instalações da Oficina de Mármore — Rua 7 N.º 561

TELE-ROCHA

Rua 31 n.º 469

Telef. 920325-977

Importador Electrodomésticos EDESA

BOSCH — KREFFT — ARISTON

RÁDIO E T.V.: BLAUPUNKT — LOEWE-OPTA

INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS

CANALIZAÇÕES

CARTUCHOS COM MÚSICA 80\$00

CASSETES COM MÚSICA 60\$00

TÉCNICOS ELECTRONICA E ELECTRODOMÉSTICOS

MÓVEIS ● ALCATIFAS

PESSOAL PERMANENTE PARA ASSISTÊNCIA

GENTIL GOMES DA COSTA

PROPRIEDADES
COMPRA • VENDA

Rua Fernandes Tomás, 664
Telefs. 380834 · 311991 · 381032

PORTO



OURIVESARIA CONFIANÇA

Uma casa antiga (1890) que com as suas instalações

BOM GOSTO E SIMPATIA

ACOMPANHA OS TEMPOS MODERNOS

OURO — JOALHARIA — PRATAS — RELÓGIOS

RUA 19 N.º 307 — ESPINHO

PINTURARTE

Tecnicamente especializado em todo o
género de Pintura Artística, Móveis de
Adorno e todo o género de objectos
de decoração.

Armando Alves Ribeiro

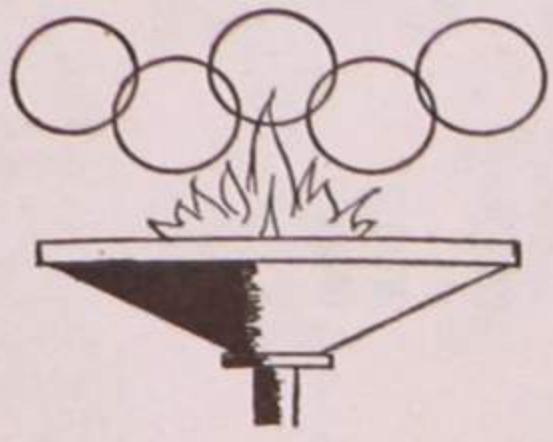
Desenhador — Pintor de Arte

Rua 18, n.º 943

— ESPINHO —

Telefone, 921412

LEIA E ASSINE «A DEFESA»



desporto



FUTEBOL

NACIONAL DA 1.ª DIVISÃO

S. C. Espinho, 1 — ORIENTAL F. C., 3

«Passaporte» para a 2.ª Divisão?

No Campo da Avenida, com tempo cinzento e chuviscos, terreno enlameado, assistência reduzida, apitou ERNESTO BORREGO (Viseu) auxiliado por José Gouveia (bancada) e Augusto Prata (peão), com as equipas formando:

SP. DE ESPINHO — Aníbal (Arménio, 45 m.); Bernardo da Velha, Simplício (cap.), Washington e Ribeirinho; Acácio, Ferreira da Costa e Júlio (Gaúcho, 45 m.); Augusto, Telé e Malagueta.

Suplentes (ainda): Meireles, João Carlos e Helder Ernesto.

ORIENTAL — Azevedo; Armando, Amílcar, Baltazar e Almeida; Semedo, José Carlos e Quim; Armando Luís (Luciano, 70 m.); Madeira e Monteiro (José Manuel, 80 m.).

GOLOS: aos 16 m. pontapé de saída do guarda-rodas Azevedo, o vento sul ajuda a levar o esférico à área espinhense, ele pincha, Simplício actua passivamente, Monteiro perturba e ANIBAL sai mal, o esférico passa-lhe por cima, dá-lhe uma palmada, manda-o à barra e para dentro da baliza; aos 40 m.: contra-ataque orientalista, Monteiro trabalha a bola, com matreirice e experiência faz incidir a atenção sobre si para, depois, fazer passe mortal a ARMANDO LUIS que aparece deslocado, na direita, e remata sem hipóteses; aos 71 m.: uma das raras boas jogadas dos locais, com Malagueta a centrar, batendo toda a defesa, para AUGUSTO se elevar bem a cabecear sem hipóteses; aos 81 m.: contra-ataque orientalista, com trabalho de JOSÉ CARLOS, acabando por entrar facilmente na defesa espinhense, pelo centro, e rematar sem estorvo o terceiro gol.

Explicações para o desaire? Talvez o melhor seja dizer-se que o Oriental marcou três vezes e os «tigres» apenas uma. Essa é a verdade, porque, na verdade, ninguém percebe esta equipa espinhense.

Não adianta disfarçar, com azar ou falta de sorte, castigos, lesões, inexperiência para a 1.ª divisão, plantel curto, ou coisas quejandas. Enquanto as coisas correram bem, isso tudo não foi evocado.

CRUDASPINHO

Sociedade de Empreendimentos Turísticos, S. A. R. L.

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Convocatória

Nos termos dos estatutos, é convocada a Assembleia Geral Ordinária dos accionistas da sociedade Crudaspinho — Sociedade de Empreendimentos Turísticos, S. A. R. L., em liquidação, a realizar na Avenida da República, 20-1.º, em Lisboa, às 15 horas de 31 de Março do corrente ano de 1975, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1.º Apreciar, discutir e votar o relatório, balanço e contas da Comissão Liquidatária e parecer do Conselho Fiscal respeitantes ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1974;
- 2.º Discutir qualquer outro assunto de interesse para a Sociedade.

Lisboa, 10 de Março de 1975.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Dr. Luís António dos Santos Ferro

Irregularidades, isso sim, tem sido uma constante desta equipa, pois às vezes joga bem, mostrando potencialidades que levam a crítica a não perceber a posição da equipa na tabela, para logo se exibir desastrosamente e parecer que esqueceu tudo quanto anteriormente demonstrara.

Contra o Oriental, foi um desastre! Intranquila, desconexa, confusa, exibindo um fio de jogo impróprio para a 1.ª divisão, com a manobra colectiva sem engranar, com as individualidades falhando nas missões específicas, passes e mais passes perdidos e transviados, impotência atacante, inoperância rematadora, falta de clarividência no sentido de encontrar os processos adequados capazes de permitirem furar até à baliza contrária e, pelo contrário, muitas facilidades e infantilidades na defensiva, a convidar o adversário a fazer o resultado.

Não faltou, diga-se em abono de verdade, espírito de sacrifício, querer, vontade para, até final, se tentar modificar os acontecimentos, porém isso só não chega.

De resto, o Oriental, de grande combatividade, estoicismo, aparentemente mais tranquilo e discernido, defendeu-se bem, não dando largas, soube esquematizar-se no processo esperado para vir defrontar um antagonista do seu campeonato, sobre o qual um resultado positivo era precioso. E conseguiu-o, com mérito, porquanto construiu e aproveitou as oportunidades criadas, foi dominado, mas também ofereceu esse ensejo ao adversário, negando-lhe todavia as facilidades ao contrariar sempre as surtidas que, também é verdade, nunca foram assaz perigosas pelas razões já apontadas.

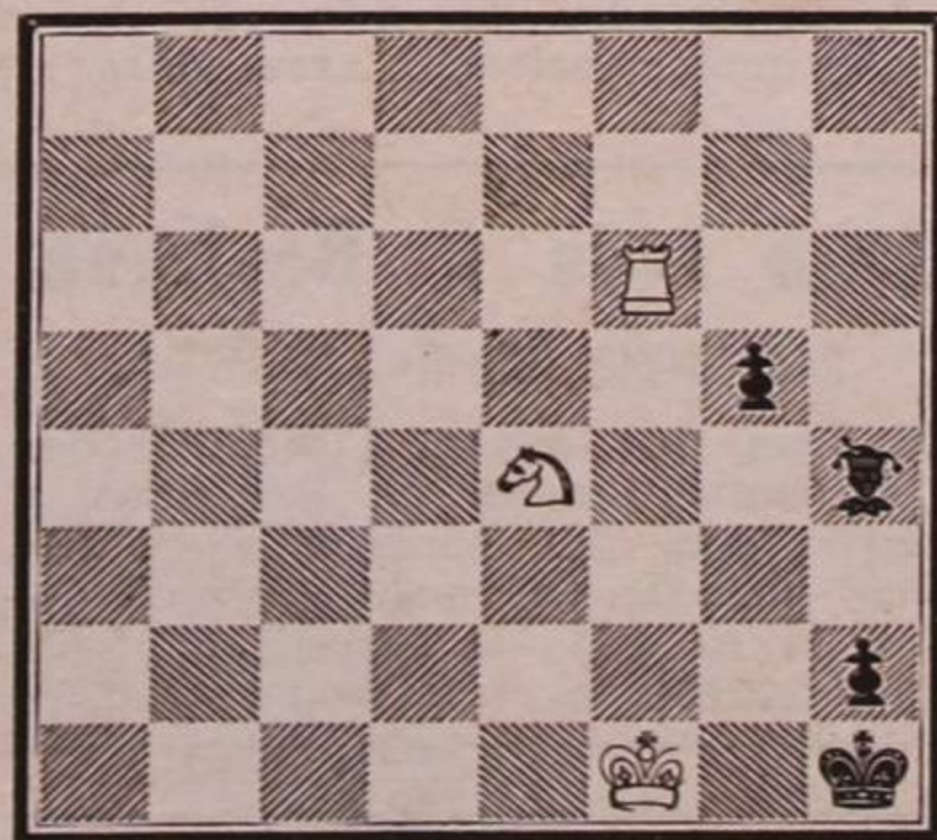
No fundo, os espinhenses não se podem queixar senão de si mesmos, apressando agora a hipótese de descida de divisão.

Individualmente, poucos jogadores se exibiram a contento e restará acrescentar que o Sr. Borrego esteve bem, como os auxiliares, e aí não há também margem para se encontrarem descabidas desculpas.

C. S.

XADREZ

Devido à gralha que hove na publicação do problema N.º 2, decidimos anulá-lo e em sua substituição apresentamos esta semana novo problema.



PROBLEMA N.º 2

As brancas jogam e dão mate em 3 lances.

**LÊ E ASSINA
A «DEFESA»**

CARTAZ

FUTEBOL

Iniciados Regional de Aveiro

S. ROQUE, 3-SEC., 3

(intervalo: 3-1)

Alinharam pelo SCE: Ferreira; Pinho, Rui Manuel, Cantara e Brito (Sarabando); Gaspar (cap.), Maia e Gonçalves; Ferreira, Freire (Hermínio) e Rocha Oliveira.

Marcaram: Gonçalves (24 m.); Ferreira (43 e 44 m.).

Amanhã, o SCE defronta cá o Arrifanense.

PESCA DESPORTIVA NO SCE

Está a reestruturar-se a Secção de Pesca do SCE, no intuito de alcançar a expressão anterior e, por isso, chama-se a atenção dos praticantes da modalidade, afectos ou não ao SCE, interessados em se inscreverem, pois podem dirigir-se à Sede, à noite, até ao próximo dia 28 do corrente.

HÓQUEI EM PATINS

Campeonato Metropolitano da 1.ª Divisão

1.ª Jornada

Infante de Sagres, 5—A.A.E., 3

AAE — Victor, Miro, Rui Azevedo (1), Manuel Azevedo, Rui Lacerda (2), Alcino, Cruz e Diamantino.

Campeonato Regional de Juvenis

1.ª Jornada

F. C. Porto, 1—A. A. E., 2

AAE — Esmael, Reis, Quim, António Pinto (2), Rocha, Padrão e Sousa.

Campeonato Regional de Infantis

1.ª Jornada

A. A. E. (A), 28—A. A. E. (B), 1

AAE (A) — Victor, Sousa (4), Silva (3), Gabriel (9), Vitor Hugo (8), Marçal (2), Salvador (2) e Tavares.

AAE (B) — Morgado, Rui, Arsénio, Silva (1), Toni, Valdemar, Neto e Guedes.

VOLEIBOL

Campeonato Nacional da 2.ª Divisão (Masculino)

A. A. E., 3—Fiães, 1 (8-15), (15-8), (15-11) (15-3).

AAE — Adriano, Fausto, Monteiro, Fi-

gueiredo, Melo, Beto, Aragão, Matos e Rodrigues.

Campeonato Nacional da 2.ª Divisão

(Feminino)

Fiães, 1—A.A.E., 3

(2-15), (12-15), (15-10) (9-15).

AAE — Mira, Dina, Fernanda, Amélia, Lurdes, Mena, Tucha e Paula.

Campeonato Regional de Juvenis (Fase Final)

Milheirós, 0—A.A.E., 3

(14-16), (5-15), (7-15).

AAE — Serrano, A. Pinto, Paulino, Paupério, Manecas, Baptista, Chico, Barra, Fidalgo e C. Rui.

Campeonato Regional de Iniciados

A.A.E., 3—F. C. Porto, 1

(16-14), (15-5), (4-15), (15-8).

AAE — Maltez, Jorge, Orlando, Rogério, Toni, Lacerda, Ricardo, R. Almeida, Fidalgo, Sárria, Betinho e Albino.

HÓQUEI EM CAMPO

Campeonato Regional de Honra

Ramaldense, 1—A.A.E., 0

AAE — Jorge Amílcar, Albano, Amaro, Vieira, Raimundo, Azevedo, Miro, Menezes, Rocha e Natário.

(Suplentes — Luis Pinho e Milheiro).

Torneio «ENDO» Reservas

A.A.E., 0—União de Lamas, 1

AAE — Sancebas, Justino, Filipe, Alexandre, Ventura, Moraes, Catarino, Freitas, Barradas, Oscar e Cruz.

(Suplentes — Rui Lima, Capela e Dias).

Campeonato Regional de Júniores

F. C. do Porto, 3—A.A.E., 0

AAE — Alfredo, Menezes, Mourão, Bastos, Óscar, Oliveira, Ângelo, Jesus, Regal, Catela e Fernando.

(Suplentes — Alexandre, Silva e José Carlos).

HÓQUEI EM PATINS

1.ª Divisão Nacional

AAE, 7-RIBA D'AVE, 4

A Académica de Espinho voltou ao seio da 1.ª divisão do hóquei patinado português, estando a disputar a zona nortenha, certame para o qual, na 2.ª jornada, jogou um encontro no Pavilhão «Arq.º Jerónimo Reis» com o RIBA D'AVE, vencendo por 7-4.

Jogaram pela AAE: Vitor, Vladimiro (cap.), Manel Zé Azevedo, Rui Azevedo, Rui Lacerda, Alcino Brandão, Cruz e Diamantino.

No se exibiu totalmente bem a turma espinhense, no entanto teve períodos de bom hóquei, denotando, sobretudo, possuir gente capaz de entrosar um bom conjunto, pois, segundo parece, agora treina-se, há bons valores no aspecto técnico, gente nova e gente experiente em quantidade bastante, de molde a ser possível arranjar uma equipa para honrar os pergaminhos.

Depois das dificuldades iniciais, contra um adversário fechado no quadrado, a AAE, teve de imprimir velocidade ao jogo e valer-se do valor técnico de alguns jogadores para construir o resultado, elevando-o até 7-1 e atingindo aí a sua melhor expressão. Depois, e muito bem, foram-se fazendo substituições para rodar todos os jogadores e o adversário aproveitou para diminuir a diferença, nunca chegando, porém, a fazer perigar o resultado.

Marcaram pela AAE, Manel Zé Azevedo (3), Alcino Brandão (2) e Rui Lacerda (2), enquanto as exibições mais positivas estiveram a cargo de Manel Zé Azevedo e Vladimiro, sobretudo pela sua preciosa experiência e categoria, com lampejos e intremetências de todos os outros.

Indicação positiva da AAE quanto ao prova e pena é que nas bancadas ainda não se veja aquele número de espectadores que, antigamente, frequentavam o hóquei em patins, vibrando com os jogos.

C. S.

As Eleições há 33 anos

Publicava este semanário em 15 de Fevereiro de 1942 a seguinte notícia que passamos a transcrever:

A ELEIÇÃO PRESIDENCIAL

decorreu com grande entusiasmo e espírito cívico em todo o concelho de ESPINHO

A percentagem de votantes foi de 93,4.

Constituiu uma verdadeira consagração nacional do sr. Presidente da República o acto eleitoral do pretérito domingo que reelegue mais uma vez o senhor General Carmona para a suprema magistratura da Nação que o distinto militar vem desempenhando, há 14 anos, com grande aprumo moral e diplomático e com o maior patriotismo e proveito para a Pátria.

Disse o Sr. Dr. Oliveira Salazar no seu notável discurso de 7 do corrente: — «Por felicidade o País, ao desempenhar-se do encargo constitucional da eleição, não tem que escolher: felizes as nações que nos momentos cruciais da sua vida não são obrigados a escolher, e às quais a Providência com desvelado carinho dispõe os acontecimentos e suscita as pessoas de modo tão natural e a-propósito que só uma solução é boa e essa vêm com nitidez no íntimo da sua consciência todos os homens de boa-vontade! Felizes porque não se debatem em dúvidas angustiosas, porque não se arriscam em desmedidas contingências, felizes sobretudo porque não se dividem!»

A «carinhosa» Providência dispôs os acontecimentos e quão felizes somos nós, Portugueses unidinhos, nesta altura de angústia e desunião entre os «homens de boa-vontade». De salientar a nítida e volumosa percentagem, 93,4, que fez de nós, durante estes últimos 48 anos, homens esclarecidos, unidos e firmemente decididos.

Cinema



ESTADO DE SÍTIO

Quando ainda há poucos dias o Brigadeiro Otelo Saraiva de Carvalho chamava a atenção para as possíveis implicações da embaixada dos Estados Unidos da América (mais concretamente na pessoa do seu embaixador Frank Carlucci) nos últimos acontecimentos em Portugal, talvez não seja mau chamar a atenção para um filme que pretende mostrar um pouco como funcionam algumas das organizações americanas, que sobre a capa da ajuda económica e cultural não têm problemas em dar outra espécie de ajuda...

Assim, e sobre o filme Estado de Sítio anotemos uma das muitas posições críticas que suscitou:

«O tema é conhecido. A imprensa do mundo inteiro relatou os factos: o sequestro, o interrogatório e a execução pelo M.L.N. — Tupamaros, no mês de Agosto de 1970, em Montevidéu, de Dan A. Mitrión, agente do F.B.I. e funcionário da A.I.D. (Agência Internacional para o Desenvolvimento, organismo americano que «cobria» as actividades reais de Dan A. Mitrión) em missão no Uruguai.

O Estado de Sítio é a ilustração (e não a versão) cinematográfica do modo como os E.U. intervêm nos assuntos interiores de vários países em (quase) todos os continentes do mundo (livre), e o retrato tipo dos homens encarregados, em cada um dos países da sua zona de influência, do controlo efectivo (directa ou indirectamente) das estruturas do poder local (poder instalado ou a instalar).

Tudo é realidade neste filme. Desde a situação «de sítio» da capital vasculhada de alto a baixo, até às execuções sumárias dos militantes e dos sindicalistas da C.G.T.

Das aulas práticas de serviços (na Academia Internacional de Washington) aos exercícios de provocações (no aeroporto desafectado no Texas). Das actividades do M.L.N. — Tupamaros aos métodos (e à impunidade) do Escuadrón de la muerte.

Tudo neste filme é autêntico. Sem basófia nem tomada de posição (o que já é, quanto a mim uma tomada de posição e criticável). A autenticidade dos factos relatados, declara Costa Gravas (o realizador), deve ser a principal preocupação do realizador objectivo. Sem apologia da violência mas denunciando-a: primeiro em «Z», depois no «Estado de Sítio» — três dialécticas da violência com uma origem comum: o abuso do poder.

O filme construído a partir de uma série de «flash-back» que nos revelam a verdadeira identidade de Philip Santore (Dan Mitrión), «especialista em comunicações», e estruturam os acontecimentos imediatamente anteriores ao rapto. A medida que em que o interrogatório se prossegue, a documentação acumulada pelos «inomináveis» sobre as actividades do funcionário americano ilustra, no écran, a sua biografia, destruindo e desmistificando o seu sistema de defesa. O pretensio funcionário dos serviços técnicos da A.I.D. aparece deste modo, e sem réplica, como uma personagem altamente importante e influente em todo o continente latino-americano.

Processo de um sistema e não de um homem, o filme de Costa Gravas é o filme da precisão e da experiência de uma técnica profundamente trabalhada» (in República de 3/5/73 — Alcides de Campo).

A. C.

O SENHOR MORGADO

«O Sr. Morgado vai no seu murzelo todo empertigado, é um gosto vê-lo!... Começa logo aqui: lá o vemos muito direito em cima do burro, fumando possivelmente charuto, chibata na mão direita e rédea bem apertada na esquerda; cá em baixo, a gente a olhar para cima, a esticar o pescoço, talvez a bater palmas, a agitar bandeiras, quem sabe. A apontá-lo lá no alto.

Se vais ao médico, o Sr. Morgado passa-te à frente e por cima. Não é por nada de especial, mas por razões estritamente médicas: o Sr. Morgado sofre de doenças terríveis que tu nunca sonhaste ter, sofre de flebite, de endocardiovascularite aguda, de afecções neuro-vegetativas ou psicóticas, de enfartites, tudo doenças complicadas, doenças difíceis que não se tratam do pé para a mão como a tua mediana gripe, cansaço físico, subalimentação, tuberculose. As doenças dele são mais caras, mais difíceis. Por isso tem que passar à tua frente... e bem vai suar o médico para conseguir minorar-lhe os sofrimentos!

Não te admires quando fores a pé, de bicicleta ou na tua pequena motorizada e fores ultrapassado por um carro bonito, veloz e grande com o Sr. Morgado lá dentro (sim, porque aquela de andar de burro era em sentido figurado...). O Sr. Morgado vai de carro porque não pode andar a pé. Além de todas aquelas doenças, ele também sofre dos calos. O carro é bonito. Pois claro que é bonito. Todos nós gostamos de comprar coisas bonitas, é apenas uma questão de bom gosto. E o Sr. Morgado tem bom gosto. O carro é grande. Claro, é para dar boleia aos amigos. Se fosse pequeno, como seria isso possível, já que o Sr. Morgado é bem nutrido (sofre de obesidade...)? E não dando boleia aos amigos, não poderia, como mandam, exercitar-se na prática saudável da virtude da caridade. O carro é veloz. Claro que é veloz. O Sr. Morgado não pode perder tempo. Porque tempo é dinheiro. Ora se ele perde dinheiro, como poderá tê-lo depois par apagar aos seus operários? Além de não ter mota, chegaria muito atrasado para os pagamentos... E não te esqueças: tu também és criado do Sr. Morgado.

Se fores a um restaurante (claro que nunca foste a um restaurante, o teu restaurante é a tasca; mas imagina lá...), verás com certeza o Sr. Morgado à tua frente, a ser servido antes de ti, cheio de vénias e salamaleques, a comer coisas com nomes estrangeiros e preços «de Morgado». Mas nem aí fiques chateado, porque neste mundo tudo se explica. Embora por vezes seja francamente difícil. Ora os restaurantes foram feitos para quem lá pode ir. (E as tascas foram feitas para quem lá tem de ir: tu, porque precisas de comer e beber; os turistas, porque as ditas são «very, very typical», como tudo o que é pobre, aliás.) O Sr. Morgado é servido à tua frente em virtude dos serviços que está a prestar à pátria e à economia nacional. Queres ver? Ele come pratos estrangeiros. Se são pratos estrangeiros, têm que ser importados. Se são importados por nós, são exportados por outros países. Esses países que

exportam vendem e ganham dinheiro. Com esse dinheiro ficam mais ricos e... podem vir fazer investimentos em Portugal. Mas há mais: esses países de quem importamos ficam a gostar muito de nós e querem ajudar. Pega então de importar de cá algumas coisas, por exemplo vinho do Porto e etc. Assim estão a equilibrar a nossa balança de pagamentos. Não sei se estás a ver as vantagens: por um lado ficamos com a balança mais equilibrada, ao que parece; por outro, enriquecemos a comunidade internacional. Como Portugal pertence a essa comunidade, pois está no mundo como os outros, também Portugal fica mais rico. Tás a ver como tudo se explica?

Mal sonhavas, de certeza, com esta «mui nobre e valerosa» contribuição do Sr. Morgado para o país e o mundo, quando no restaurante saboreia compenetrado langouste aux champignons ou old-fashioned roast-beef ou sobretudo corn flakes with coke. Portanto deixa que o sirvam à tua frente, e até não te fica nada mal se de passagem lhe esboçares um agradecimento...

Depois disto («e o mais que se não diz por ser verdade»), já julgas que o Sr. Morgado está sempre à tua frente e acima de ti. Ora enganaste-te. Ele só está assim quase sempre. Já pensaste por exemplo no cinema? No cinema és tu o privilegiado. Senão repara: para que lugares vais tu? Não é para Geral? E para 2.ª Plateia? Pois que mais queres? Se vais para 2.ª Plateia, estás à frente do Sr. Morgado e de todas as morgadias; estás no lugar mais à frente de todos. E se fores para Geral, suprema honra, ficas colocado acima (e bem acima...) do Sr. Morgado. No cinema, o teu lugar é o primeiro e o mais alto. Até podes facilmente ficar logo na primeira fila (imagina: na primeira fila!...)

Então, que pensas disto tudo? Se calhar o mesmo que eu: por muito que o Sr. Morgado se queira disfarçar, camuflar, esconder, não pode. Ele está sempre (salvo no cinema, claro...) lá em cima, muito belo, à vista de toda a gente. E como os nossos ideais devem ser altos, para cima cada vez mais, é lógico que o apontemos. Se o Sr. Morgado está acima de ti e à tua frente, é natural que esteja sempre na ponta do teu dedo, por muito que a sua modestia tente ocultá-lo. É lógico que o apontes em cada momento. A não ser que te digam que apontar é feio...

J. FIDALGO

DR.ª EMILIA PEDROSA SANTIAGO

Doenças de Senhoras

Largo da Graciosa, 41-1.º
Telef. 921891
ESPINHO
Consultas — Dias úteis das 16
às 19 horas

José Luís F. Barbosa

MÉDICO ESPECIALISTA

Doenças dos ossos e Articulações
Consultas todas as 3.ªs-feiras a partir das 14 horas, na Policlínica do Dr. Miranda Valente — Rua 31 n.º 321 — Espinho — Telefone 920689, p. f. marcar consulta.

Dr. Ferreira de Campos

Advogado

Telefone 920805 Rua 11.877
ESPINHO

SEMANÁRIO AVENÇADO

Camara Municipal do Espinho
Rua -19
ESPINHO